

## Cartas de recusa de um editor escritor: a correspondência editorial de Italo Calvino<sup>1</sup>

Claudia Lemos<sup>2</sup>

Isabel Travancas<sup>3</sup>

*A maior parte do tempo da minha vida eu dediquei aos livros dos outros. E me alegro disso.*

Italo Calvino

### Resumo

A ideia deste trabalho é apresentar e analisar a correspondência do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) como editor. Em particular, suas cartas de recusa de originais, tendo como eixo o conceito de exatidão de sua obra *Seis propostas para o próximo milênio*. Calvino trabalhou na editora italiana Einaudi, com a qual teve uma relação intensa, durante mais de 30 anos. O arquivo da correspondência do escritor reúne cerca de 5 mil itens. As cartas mostram um editor atento e amigo dos seus escritores, embora rigoroso e sincero. Nelas aparece ainda, sintetizada e traduzida em exemplos retirados da análise dos originais submetidos para edição, a visão do autor sobre literatura.

**Palavras-chave:** escritor; editor; correspondência; carta; Italo Calvino.

### Italo Calvino

Italo Calvino é considerado um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Nasceu em Cuba, em 1923, quando o pai, Mario (1875-1951), agrônomo, dirigia uma estação de agricultura experimental. A mãe, Eva Mameli (1886-1978), era professora de botânica. A família retornou à Itália em 1925. Nasceu o irmão, Floriano (geólogo, 1927-1988). Os meninos cresceram na propriedade rural da família paterna, em San Remo, que já era uma cidade turística e onde Mario Calvino dirigia um centro de pesquisa em floricultura.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Claudia Lemos é jornalista, mestre e doutora em Estudos Literários pela UFMG. Trabalha na Secretaria de Comunicação da Câmara dos Deputados e atua como pesquisadora e professora Mestrado Profissional em Poder Legislativo da instituição. E-mail: [claudiarflemos@gmail.com](mailto:claudiarflemos@gmail.com).

<sup>3</sup> Isabel Travancas é professora associada do PPGCOM da Escola de Comunicação da UFRJ, jornalista pela PUC-Rio, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Email: [isabeltravancas@gmail.com](mailto:isabeltravancas@gmail.com)

Com a família, Italo aprende a valorizar a ciência e o debate. Também ama os livros e o cinema. Começa a escrever cedo, livros e cartas. Em 1941, aos 18 anos, matriculou-se na Faculdade de Agronomia de Turim. No ano seguinte, em carta ao amigo de colégio Eugenio Scalfari (1924 -), que mais tarde vai fundar o jornal *La Repubblica*, transcreveu um trecho da resposta do editor Giulio Einaudi, a quem tinha enviado um volume de contos recusado porque "não tinha unidade". É o primeiro contato com a editora para a qual viria a trabalhar por mais de três décadas (SCARPA, 1999, p.9).

Em 1943, Italo Calvino transferiu-se para a Universidade de Florença. Em 1944, passou a militar no Partido Comunista Italiano (PCI) e, com o irmão, juntou-se à resistência como *partigiano*. Só vai se desligar do partido em 1957, depois da invasão da Hungria pela União Soviética, quando publicou uma carta defendendo a independência dos escritores (MILANINI, 1990, p. 67).

Em 1945, depois da guerra, se inscreveu no curso de Letras da Universidade de Turim. Lá colaborou com a edição local do jornal comunista *L'Unità*. Começou a frequentar a editora Einaudi e fez amizade com escritores: Cesare Pavese (1908-1950) e Elio Vittorini (1908-1966), ex-combatentes *partigiani* como ele. Calvino graduou-se em 1947, com um trabalho sobre o escritor britânico de origem polonesa Joseph Conrad. No mesmo ano, publicou pela Einaudi seu primeiro livro: *Sentiero dei Nidi di Ragno*, uma novela neorrealista inspirada em sua participação na resistência. Calvino deixa o jornal em 1949 e passa a trabalhar na Einaudi, com a qual já colaborava. Ao longo dos anos, exerceu funções diversas – redator, assessor de imprensa, editor e gerente. Era responsável pelo contato com escritores italianos, motivo de extensa correspondência cujas cópias foram guardadas no arquivo da empresa. Sobre esse período, disse mais tarde, em uma entrevista:

Foi então que compreendi que meu ambiente de trabalho só podia ser o editorial, numa editora de vanguarda, entre pessoas de opiniões políticas muito diferentes, com discussões muito animadas, mas todos muito amigos entre si. Dizia para mim mesmo: sendo ou não escritor, terei um trabalho que me apaixonava e ficarei junto de pessoas que me interessam. O equilíbrio que eu procurava até aquele momento entre uma profissão prática e a literatura, eu o encontrei num ponto bastante próximo da literatura, mas que não se identificava com ela, como a editora Einaudi, que publicava sim livros de literatura, mas sobretudo de história, de política, de economia, de ciência, e me dava a impressão de estar no centro de muitas coisas. (CALVINO, 2006, p. 238-239)

A trilogia *Os nossos antepassados*, composta pelos livros *O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957) e *O cavaleiro inexistente* (1959), consagrou Calvino como escritor do fantástico. Essa trilogia reúne narrativas que são quase fábulas. Baseadas em situações absurdas, as histórias são constituídas de personagens que apresentam problemas, desejos e reflexões bastante reais.

Em 1961 o escritor deixou o emprego em tempo integral e passou a atuar como consultor da Einaudi, completando a renda com direitos autorais. Ainda dirigiu, para a editora, a revista literária *il menabò*, até 1967. Além disso, de 1971 a 1985, foi responsável pela coleção de clássicos *Centopagine*. Nesse período, Calvino viajou e escreveu sobre as viagens – aos Estados Unidos, União Soviética, México, Cuba, Paris – onde conheceu em 1962 a mulher, Esther Singer, argentina de origem judaico-russa, tradutora do inglês na Unesco. Em 1964 passou a viver em Roma. Lá nasceu sua filha, Giovanna (1965). Em 1967 a família se transferiu para Paris, mesmo mantendo os vínculos de trabalho com a Itália. Depois de 1980, vão viver principalmente em Roma.

Desde 1974, Calvino tinha voltado a escrever regularmente para jornais italianos, retomando, de certo modo, a prática dos primeiros anos do pós-guerra. Primeiro escreveu para o *Corriere della Sera*, depois *La Repubblica*, a partir do final de 1979. No *Corriere*, os assuntos eram principalmente políticos, como escândalos e o terrorismo (SCARPA, 1999, p. 41-45). Já em *La Repubblica*, fundado em 1976 pelo amigo de liceu Eugenio Scalfari, Calvino falava mais sobre cultura. Dos textos publicados na imprensa nascem livros como *Palomar* (1983) e *Seis propostas para o próximo milênio* (1988). Esse último é o livro póstumo reúne as conferências que seriam proferidas em Harvard, no programa *Norton Lectures*, e retoma temas desenvolvidos no jornal. Calvino trabalhava nas conferências em sua casa de verão de Castiglione della Pescaia, na Toscana, quando sofreu uma hemorragia cerebral, em 6 de setembro de 1985. Morreu num hospital de Siena, 13 dias depois, aos 61 anos.

As obras de Italo Calvino, são, em ordem cronológica de publicação: *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947); *Ultimo viene il corvo* (1949); *La formica argentina* (1952); *Il visconte dimezzato* (1952); *L'entrata in guerra* (1954); *Fiabe italiane* (1956); *La panchina*. *Opera in un atto* (1956); *Il barone rampante* (1957); *Il giovani del Po* (1957-1958); *I racconti* (1958); *Il cavaliere inesistente* (1959); *I nostri antenati* (1960 – é a republicação da trilogia *Il visconte dimezzato*, *Il barone rampante* e *Il cavaliere inexistente*); *La*

giornata di uno scrutatore (1963); La speculazione edilizia (1963); Marcovaldo ovvero le stagioni in città (1963); La nuvola di smog (1958); Le cosmicomiche (1965); Ti con zero (1967); La memoria del mondo e altre storie cosmicomiche (1968); Il castello dei destini incrociati (1969), a edição de 1973 aparece ampliada, com uma segunda parte intitulada La taverna dei destini incrociati; Gli amori difficili (1970); Orlando Furioso di Ludovico Ariosto raccontato da Italo Calvino (1970); Gli amori difficili (1971); Le città invisibili (1972); Se una notte d'inverno un viaggiatore (1979); La vera storia, due atti (1982); Um re in ascolto. Azione musicale in due parti (1983); Palomar (1983); Cosmicomiche vecchie e nuove (1984). Calvino ainda escreveu inúmeros artigos e ensaios críticos, reunidos parcialmente por ele em dois volumes: Una pietra sopra (1980) e Collezione di sabbia (1984). Também foi autor do argumento e roteiro de alguns filmes.

Vários projetos de ficção deixados sobre sua mesa e coletâneas de escritos diversos, como cartas e ensaios, foram publicados postumamente: Sotto il sole giaguaro (1986); Lezioni americane (1988, as Seis propostas para o próximo milênio); Sulla fiaba (1988); La strada di San Giovanni (1990); I libri degli altri. Lettere 1947-1981 (1991); Perché leggere i classici (1991); Prima che tu dica "Pronto" (1993); Eremita a Parigi (1994); Opere complete (Romanzi e racconti, 3 volumes, 1991, 1992, 1994; Saggi, 2 volumes, 1995; Lettere, 1999), Mondo scritto e mondo non scritto (2002); Il libro dei risvolti (2003); Sono nato in America. Interviste 1951-1985 (2012); Un ottimista in America. 1959-1960 (2014).

## **Einaudi**

A grande maioria das obras de Italo Calvino foi publicada pela Einaudi. Quando ele enviou seus primeiros originais – recusados –, em 1942, a Einaudi ainda ia completar dez anos, mas já era, mesmo pequena, uma das editoras mais reconhecidas da Itália. Era identificada como laica e progressista. Foi fundada em 1933, em Turim, por cinco amigos, contemporâneos no liceu D'Azeglio. Em torno do empreendedor Giulio Einaudi (1912-1999) estavam o jornalista, eslavista e ativista Leone Ginzburg (1909-1944), o músico Massimo Mila (1910-1988), o filósofo e político Norberto Bobbio (1909-2004) e o escritor Cesare Pavese. As primeiras coleções, que existem até hoje, foram *Biblioteca de cultura histórica* e *Ensaio* (SCARPA, 1999, p. 113-119; EINAUDI).

Ginzburg, o primeiro diretor editorial, foi preso, torturado e morto pelos nazistas em 1944, por imprimir um jornal clandestino. No pós-guerra, guiada por Pavese, a editora diversificou a produção ensaística, cobrindo de antropologia a psicanálise. A partir de 1948 publicou os *Cadernos do cárcere* e as *Cartas da prisão* do filósofo marxista Antonio Gramsci (1891-1937), confiados a ela pelo PCI. Ao mesmo tempo, foi se tornando um ponto de referência para a narrativa italiana, estrangeira e para os clássicos.

Em geral, cada editora tem uma marca, uma personalidade. Esta é construída através da sua linha editorial, ou seja da seleção de livros que publica. Eles formam seu catálogo e tornam-se sua cara. As grandes editoras marcam sua época ao publicarem livros que farão parte da história do livro e da leitura de seu país e ajudam a construir um “campo” editorial e literário, para pensarmos na noção de campo na perspectiva de Pierre Bourdieu (1992). Uma editora se define pelo seu catálogo, pelos autores que publica, pelos gêneros que valoriza, assim como pelas suas estratégias de publicação e divulgação. Poderíamos talvez comparar a Einaudi com a editora francesa Gallimard com seu prestígio literário e comercial e também com a editora brasileira José Olympio (Sorá:2010), que se tornou conhecida como a “casa” do autor brasileiro, publicando obras que se tornaram clássicas de escritores e pensadores brasileiros nas duas décadas 1930 a 1950.

Com a morte de Pavese, em 1950, a Einaudi passou a ser coordenada por Luciano Foà (1915-1987), editor e tradutor italiano. Calvino, redator e assessor de imprensa, já era ouvido nas reuniões de quarta-feira, quando se discutiam os livros a publicar ou não. Entre 1952 e 1959, Calvino editou o *Notiziario Einaudi*, influente boletim de promoção editorial. Ao longo da década, ao mesmo tempo que investia na renovação da literatura italiana, lançando vários autores, a editora continuava importante na reflexão política, que se desenvolve, por exemplo, na coleção dos *Livros brancos*, nascida da crise dos comunistas italianos em 1956, com a invasão da Hungria e a revelação dos crimes de Stalin.

Esse duplo foco na literatura e nas ciências humanas prosseguiu na década de 1960, quando Vittorini e Calvino cuidavam das coleções de narrativa e da revista experimental “il menabò” (1969-1967), atenta ao que havia de mais inovador na Europa e na América. Giulio Bollati, (1924-1996) escritor e intelectual italiano cuidava de ensaios e política. Nos anos 1970, a editora se esforçou para ampliar o público. O caso de

maior sucesso em não-ficção foi a obra *Storia d'Italia*, em seis volumes (1972-1976), que vendeu mais de 100 mil exemplares. Na ficção, o romance *La storia*, de Elsa Morante, sobre a vida em Roma nos anos da guerra e no pós-guerra, vendeu cerca de 1 milhão de cópias. Ali também nasceram a coleção de clássicos *Centopagine*, dirigida por Calvino, e uma enciclopédia.

A década de 1980 é de crise financeira na editora, que mesmo assim continua lançando autores. Em parceria com a francesa Gallimard, Einaudi levou para a Itália a Biblioteca Pléiade. Em 1994, o grupo Mondadori, fundado em 1909 e o maior do ramo na Itália, comprou a editora, mantendo Giulio Einaudi na direção até sua morte, em 1999. A Einaudi continua até hoje entre editoras mais importantes da Itália, com seu emblema do avestruz de cabeça levantada.

### **A correspondência pessoal /profissional**

Calvino editor se coloca e se implica na correspondência com os autores. Discute textos inéditos de forma direta, franca. As cartas são profissionais, na medida em que ele é o responsável pela aprovação ou não da publicação do original pela editora. Ao mesmo tempo, trazem a subjetividade para analisar os originais, expõem uma visão de mundo, uma perspectiva sobre o papel da literatura na sociedade e sobre o trabalho do escritor.

A análise das cartas do editor Italo Calvino faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo sobre correspondência que abarca diferentes temas. São eles: a correspondência amorosa em tempos digitais, cartas para presos políticos no Brasil e na Catalunha – o caso de Lula e os dois Jordis – e cartas editoriais. Dentro desse último eixo de estudo de cartas de editores, escolhemos as cartas do escritor italiano por diversas razões: pelo autor, pela quantidade – mais de 5 mil –, pela duração da correspondência – mais de 30 anos –, e pelo estilo.

A partir da leitura das cartas publicadas nas edições italiana e espanhola da correspondência editorial de Calvino (2000, 2014), nos encantamos com as cartas de recusa. De um lado pelo fato de as cartas de recusa não terem muita visibilidade – quem as recebe não costuma divulgá-las, alguns destinatários sequer chegam a se tornarem autores publicados – e de outro por trazerem de forma contundente a marca do Calvino escritor. A análise dos textos expressa uma visão de literatura exigente, crítica da facilidade no uso da linguagem. Por isso, entre as muitas possibilidades de escolha de um

eixo condutor para a análise dessa correspondência editorial, decidimos lançar mão da própria obra do Calvino. O conceito de exatidão, nas *Seis propostas para o próximo milênio*, foi nossa inspiração. Ele é uma presença em sua escrita e mais ainda nas cartas de recusa. Mas, ainda que sejam duras na exigência de precisão, as cartas de recusa demonstram como Calvino se colocava no lugar do autor do original, compreendendo suas expectativas e trazendo a própria experiência para a conversa.

As cartas ao longo da história tiveram um papel importante como meio de comunicação nas relações amorosas, na vida política e nos estudos literários. Elas pressupõem um destinatário imediato e mantêm semelhança com o diálogo, uma vez que há um interlocutor presente em ausência e sua troca foi definida como uma “conversa escrita”, como destaca o pesquisador Emerson Tin (2005:9). O destinatário da mensagem orienta seu formato, sua linguagem, seu conteúdo e seu tom. E investigar como se dá essa prática epistolar no século XX e no contexto editorial é interessante para compreender as lógicas e práticas e as relações que se estabelecem entre editores e escritores.

Ao mesmo tempo, as cartas são textos híbridos e rebeldes, como salienta Brigitte Diaz (2016:11), São na verdade textos de fronteira, podendo ser enquadrados dentro do gênero literário ou não. Elas estão inevitavelmente associadas a um indivíduo e à sua história, ainda que não sejam cartas amorosas ou pessoais, como é o caso das cartas de Calvino analisadas neste artigo. Nelas não saberemos dos seus dilemas amorosos, da sua participação política no Partido Comunista italiano, nem de sua vida particular – essas informações estão em outras cartas, escritas ao pai, à mãe e a amigos. Mas através das cartas a autores vamos tomando contato e conhecendo a figura do Calvino editor e sua forma de se relacionar com os escritores – ilustres ou não – da Einaudi. Kafka (1988) afirmava que escrever cartas era se despir diante dos fantasmas: eles esperam por esse gesto com avidez.

Erasmus (Diaz:17) e Lípsio afirmam que “a escrita da carta origina-se em uma verdadeira subjetividade: é a expressão liberta da preocupação de excelência retórica de uma pessoa e não mais a execução estabelecida de um discurso social ou institucional.” E as cartas de Calvino como representante editorial de uma empresa se encaixam nesta afirmativa. Trazem a sua visão da obra analisada, sua perspectiva crítica como editor e também sua leitura impregnada de sua subjetividade literária.



Michel Foucault (1992:145), em seu ensaio “A escrita de si”, ao analisar a correspondência, enfatiza que ela “atua em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe”. A seu ver, (1992:150) “escrever é pois ‘mostrar-se’, dar a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz.” Assim, a carta diz muito de quem recebe e mais ainda de quem a escreve. As cartas também podem revelar intimidades do indivíduo que a assina. Escrever é estar junto, próximo do outro.

### **Cartas de recusa e a exatidão**

Podemos imaginar o quanto os escritores que enviam seus originais a uma editora aguardam ansiosamente uma resposta positiva. As cartas de recusa de um original são um elemento comum no meio editorial. Como dizer não a um autor, sem melindrá-lo ou fazê-lo desistir de escrever? Ao mesmo tempo, como fazer a distinção entre escritores em potencial e indivíduos com gosto pela escrita, sem terem necessariamente talento para a ficção, por exemplo? Em *A arte de recusar um original*, o escritor canadense Camilien Roy (2009), escreve um livro bem-humorado sobre as formas de dizer não a um autor. Ele chama a atenção para o fato de que a grande maioria dos escritores, inclusive os consagrados, passou pela experiência de ter um original recusado por uma editora até ser publicado.

Como mencionamos antes, vamos analisar aqui um conjunto de cartas de recusa escritas por Italo Calvino usando como chave o conceito de exatidão desenvolvido pelo autor no livro *Seis propostas para o próximo milênio*. Exatidão seria o tema de uma das aulas preparadas para serem lidas na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Calvino era o convidado para o ano acadêmico 1985-1986 do ciclo de conferências sobre poéticas oferecidas por artistas – *Charles Eliot Norton Poetry Lectures*. Jorge Luís Borges e T. S. Eliot participaram do programa antes dele, Umberto Eco foi convidado depois. Calvino morreu antes de apresentar as conferências e os textos se tornaram uma espécie de testamento. A publicação do livro, em 1988, obteve grande repercussão, o que ajudou a consagrá-lo como um autor clássico do século XX e o escritor italiano contemporâneo



mais conhecido e estudado no mundo (SCARPA, 1999; BERTONE, 1998; BARENGHI, 1995).

As propostas foram lidas como seu testamento (MIRANDA, 1990) e são uma síntese da poética desenvolvida pelo autor. As conferências combinam crítica literária e cultural, elementos biográficos e de sua obra. Expressam sua maneira de lidar com a permanência, a resistência ao tempo que passa, sem se fixar na imutabilidade. As seis propostas nomeadas pelo escritor italiano foram: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Essa última seria escrita por Calvino nos Estados Unidos.

Aqui, vamos nos deter sobre a exatidão. De acordo com Dicionário Online de Português<sup>4</sup> o conceito de exatidão pode ser entendido de duas formas: como aquilo que é exato, correto, preciso: **a exatidão de um raciocínio**. E também como uma exposição rigorosa, precisa, do que foi submetido a avaliação; precisão: **escreveu com exatidão o testemunho**.

Calvino entende o termo exatidão em três sentidos: como um projeto de obra bem definido e calculado; como evocação de imagens nítidas e por isso memoráveis; e como precisão da linguagem, capaz de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação (LEMOS, 2001, p.135). Ele ensina que o justo emprego da linguagem é aquele que permite aproximar-se das coisas respeitando-as em sua irregularidade e complexidade. “A obra literária é uma dessas mínimas porções nas quais o existente se cristaliza numa forma, adquire um sentido, que não é nem fixo, nem definido, nem enrijecido numa imobilidade mineral, mas tão vivo quanto um organismo. A poesia é a grande inimiga do acaso, embora sendo ela também filha do acaso e sabendo que este em última instância ganhará a partida: um lance de dados jamais abolirá o acaso” (CALVINO, 1990, p. 84).

É essa compreensão que aparece nas cartas de recusa de Calvino. Vamos examinar mais detidamente seis delas.

#### **A Mario Ortolani (1909-1998, geógrafo e pintor), em 7 de agosto de 1954**

Calvino começa a carta exaltado, a perguntar ao escritor o que aconteceu e porque levou a mal terem recusado seu manuscrito. Ele divide com Ortolani sua experiência de ter livros recusados e comenta que tem caixas cheias de originais, entre eles dois grossos

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/exatidao/> Acesso em 29 de junho de 2019.

romances que não publicou. Para o editor, se as reações dos primeiros leitores não são boas, por que publicar? E termina a carta incentivando o escritor: “Anime-se e ponha-se em seguida a escrever de novo. Escrevemos por nos agrada, principalmente, mesmo que nos custe.”

#### **A Renato Frosi, em 21 de dezembro de 1955<sup>5</sup>**

Trata-se de uma carta breve e muito dura. Depois de uma abertura em que elogia a experiência de mundo concreto e a vontade de escrever do autor, além de destacar que vem de uma região linguisticamente interessante, que ainda não tinha sido retratada em literatura, afirma: “Coloque de lado esses contos e não olhe mais para eles. (...) Está claro que você não tem ideia de como se escreve hoje; tem que ler muito os autores modernos, até entender o vínculo entre linguagem falada e estilo literário (...)”. O fecho também é severo, ainda que chame Frosi de querido: “devolvo seu manuscrito e o espero dentro de alguns anos, anos de leitura, de reflexão, de bom trabalho”.

#### **A Valerio Bertini (1921-2011, escritor), em 7 de março de 1956**

Já Bertini, que também recebeu uma dura resposta, tornou-se escritor. Num formato, semelhante à carta a Frosi, Calvino começa destacando as qualidades do autor: espírito de observação, sentido da complexidade da realidade que produz operários mais verdadeiros do que na maioria dos livros contemporâneos. Para emendar, entre parênteses: “Mas corte o capítulo segundo, de evocações históricas; errado no tom e inútil.” A ele Calvino recomenda abandonar a estrutura do romance, que chama de praga da literatura socialista e de imitação da estrutura arcádica que dilui a experiência.

#### **A Primo Levi (1919-1987, escritor), em 22 de novembro de 1961**

Essa é sem dúvida uma carta que espanta pelo fato de Primo Levi ser um escritor famoso na atualidade e cujo livro *É isto um homem?* (1947), sobre a experiência vivida pelo autor em um campo de concentração durante a Segunda Guerra, se tornou um clássico. Esther Calvino conta que repreendeu o marido por ter sido muito duro nas críticas que fez ao andamento do romance, no parecer em que recomendou a publicação (CASTRO, 2007, P. 247) Na carta de 1961, avaliando contos, Calvino volta a ser sincero. Diz que as histórias de ficção científica “ou melhor, de ficção biológica” lhe agradam,

---

<sup>5</sup> Não encontramos registros de Frosi como escritor.

ainda que falte a mão segura de um escritor que tenha uma personalidade estilística acabada, como Borges, acrescenta. Sugere que trabalhe nos textos e procure uma editora que possa publicar as narrativas e outras que venham a ser escritas na mesma linha, criando um público que possa apreciá-las. Mas diz não saber qual seria essa editora. Ao final da carta, depois da assinatura, surpreende com uma pergunta: “Me escreverias um livro para crianças?”

**A Angelo Maria Ripellino (1923-1978, tradutor e poeta), em 21 de maio de 1962**

Aqui também se trata de um segundo livro, e a opinião de Calvino é que Ripellino não deve publicá-lo. O que havia de novidade no primeiro livro, de anacronicamente saboroso, tornou-se facilidade e repetição. O escritor consola o poeta: “Continua com a poesia como sigo com a narrativa, ainda que tenha passado anos e anos escrevendo longos romances para enterrá-los para sempre em caixas. Depois chega o momento em que se encontra a palavras que sempre tínhamos querido dizer, que tínhamos na ponta da língua...”

**A Carlos Álvarez, em 5 de outubro de 1964 <sup>6</sup>**

Nessa carta a impaciência e a franqueza dispensam palavras iniciais de incentivo. Calvino já começa falando de sua desconfiança em relação aos manuscritos muito grossos. E pergunta: “O que o faz escrever tanto?” Em seguida aconselha: fale de si o menos possível. “É o mundo visto com seus olhos que deve interessar – não a sua pessoa.” Explica seu método para “decidir se um livro existe ou não”: Tem uma linguagem? Tem uma estrutura? Mostra alguma coisa, se possível nova? Finaliza sua longa carta dizendo que se autor tem uma grande desvantagem que é escrever com facilidade. Para Calvino “a literatura nasce da dificuldade de escrever, não da facilidade.”

Em carta para o escritor Ugo Facco de Lagarda (1896-1982), em 1957, Calvino (2014, p.137) comenta que o trabalho em uma editora transforma em pedra o coração de editor. São cartas diárias de escritores pedindo que publiquem suas obras. E no final o editor acaba não sentindo nada. E pede que Lagarda acredite nele. “Eu também sou autor e compreendo que a espera é dolorosa.” O que a carta expressa é o sentimento do Calvino que atua como editor, mas nunca esquece que é também um escritor capaz de se colocar no lugar do outro que deseja, acima de tudo, ter sua obra publicada.

---

<sup>6</sup> Não encontramos registros de Álvarez como escritor.

---

Ao mesmo tempo, a correspondência deixa clara a intolerância com a linguagem descuidada que vai aparecer na conferência sobre a exatidão. “Às vezes me parece que uma epidemia pestilenta tenha atingido a humanidade inteira em sua faculdade mais característica, ou seja, no uso da palavra”, protesta, apontando o automatismo, a homogeneização, o embotamento (CALVINO, 1990, p. 72-73). O editor não quer contribuir para essa peste, como ele mesmo chama, publicando o que considera inconsistente.

As cartas de Calvino, como afirma Tania Moysés em sua tese de doutorado (2010, p.16), “oferecem muito mais do que se poderia esperar para os estudos literários, pois com ‘valor artístico’, seus epistolários são representativos de mundos.” Segundo a pesquisadora as cartas do escritor italiano apresentam três características essenciais para o epistolário de um escritor. “Deve ser a imagem do mundo em que o escritor se move como homem e como escritor, deve ser um livro importante e rico para além das expectativas e constituir uma biografia muito rica e representativa das várias fases da atividade como escritor.”

O que fica evidente na leitura das missivas de Calvino é a sua atuação concomitante de escritor e editor e a sua visão do que é a literatura. Para Marcos Moraes, em seu trabalho sobre a epistolografia de Mário de Andrade (2007:30) destaca que as cartas de escritores e artistas em geral podem ser analisadas a partir de três perspectivas: a carta como expressão testemunhal que define um perfil biográfico, como parte de um gênero que busca compreender os bastidores da vida artística de uma época e como um arquivo de criação do artista.

No caso das cartas editoriais de Calvino, elas possibilitam duas leituras. Em primeiro lugar a leitura interpretativa do escritor/editor da obra enviada para avaliação com sua análise, crítica e sugestões e, em segundo, permitem ao leitor uma melhor compreensão dos temas, objetivos e estilos literários dos autores que enviam seus originais para análise.

## **Conclusão**

O melhor sinônimo para a exatidão que aparece nas cartas de recusa do Calvino editor talvez seja rigor. Não no sentido da rigidez, que ele rechaça em sua poética, mas como cuidado com a obra, atenção à sua finalidade e à sua construção. O próprio texto

das cartas traduz esses valores: na precisão do pensamento, na concisão da escrita e na forma como o autor coloca nelas sua experiência de leitor e de escritor.

No prefácio à edição espanhola das cartas de Calvino editor, *Los libros de los otros* (2014), o editor e escritor Carlos Fruttero (1926-2012), comenta que no período de 1955 a 1961 encontrou Calvino quase diariamente na editora Einaudi. Ele lembra que o escritor italiano não “jogava conversa fora” falando sobre banalidades como o tempo. Ainda assim, segundo Fruttero, era um colega muito engenhoso, divertido, que brincava com jogos de palavras enquanto se dedicava com entusiasmo ao trabalho. Escrevia as cartas a mão e fazia muitas correções antes de passar os rascunhos para as secretárias datilografarem. Depois disso, ainda havia, por vezes, novas emendas.

Calvino (1990, p.88) nos diz, nas *Seis propostas*: “Minha busca de exatidão se bifurcava em duas direções. De um lado, a redução dos acontecimentos contingentes a esquemas abstratos que permitissem o cálculo e a demonstração de teoremas; do outro, o esforço das palavras para dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas.”

O escritor estava falando sobre a composição de *Cidades Invisíveis*, para reconhecer que nunca alcançou completamente nenhum dos dois caminhos, porque a linguagem sempre terá lacunas ao lidar com a continuidade do mundo, sempre dirá menos do que a densidade contínua que experimentamos. E, no entanto, é essa a aposta que refaz cada vez que escreve aos autores para lhes recomendar que trabalhem mais na capacidade da linguagem de se aproximar da infinita variedade das coisas.

### Referências bibliográficas

BARENGHI, Mario. *Note e notizie sui testi*. In: CALVINO, Italo. *Saggi*. Milano: Arnaldo Mondadori, 1995. p.2231-3032.

BERTONE, Giorgio (org.) **Italo Calvino**. A writer for the next millenium. Atti del Convegno internazionale di studi. San Remo, Centro Congressi Ariston, 28 novembre 1996. Alessandria Edizione dell’Orso, 1998, p.19-29.

BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l’art**. Paris: Seuil, 1992.

CALVINO, Italo. **Eremita em Paris: páginas autobiográficas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Los libros de los otros.** Correspondencia 1947-1981. Organização: Madrid, Siruela, 2014.

\_\_\_\_\_. **Lettere 1940-1985.** Organização: Luca Baranelli. Milão, Mondadori, 2000.

\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Gustavo de. **Italo Calvino: pequena cosmopolição do homem.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade.** São Paulo: EdUSP, 2016.

DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em <https://www.dicio.com.br/exatidao/>  
Acesso em 29 de junho de 2019.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

GIULIO EINAUDI EDITORE. La Casa Editrice. Disponível em <https://www.einaudi.it/la-casa-editrice/>. Acesso em 23/6/109.

KAFKA, Franz. **Lettres à Milena.** Paris: Gallimard, 1988.

LEMONS, Cláudia. **Seis questões sobre o jornalismo.** Uma leitura da imprensa brasileira nos anos 1990 a partir de Italo Calvino. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

MILANINI, Claudio. **L'utopia discontinua: saggio su Italo Calvino.** Garzanti, 1990.

MIRANDA, Wander Melo. “Italo Calvino ou a ficção como ensaio”. In: Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2, 1990, BH. 1990. **Anais**, BH, Abralic, v. 1, 1991, p. 535-541.

MORAES, Marcos Antonio. **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade.** São Paulo: Ediotra da USP/Fapesp, 2007.

MOYSÉS, Tania Mara. **Lettere e Libri degli Altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino.** Tese de doutorado. Curso de Pós Graduação em Literatura, CCE, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

ROY, Camilien. **A arte de recusar um original.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCARPA, Domenico. **Italo Calvino.** Milão: Edizioni Bruno Mondadori, 1999.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas – José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro.** São Paulo: Edusp, 2010.

TIN, E. **Cartas e literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar.** Disponível em: [www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/emerson02.pdf](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/emerson02.pdf)